Dr. Dave Mathewson, Apocalipse, Palestra 8, Apocalipse 4 e 5

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Dave Mathewson em seu curso sobre o livro do Apocalipse. Esta é a sessão 8, Apocalipse 4 e 5, uma introdução.

Com os capítulos 4 e 5 de Apocalipse, chegamos a uma seção que tem um caráter um pouco diferente, como já sugerimos várias vezes nos capítulos 2 e 3. Os capítulos 2 e 3 são uma descrição mais direta, usando muitas imagens. Ainda assim, mas uma descrição ou avaliação direta da situação de sete igrejas históricas.

Agora, começando com o capítulo 4, chegamos a uma espécie de seção apocalíptica do livro. Esta é a visão propriamente dita. Tivemos uma visão inaugural no capítulo 1, mas agora, começando com o capítulo 4, o capítulo 4 inicia um João que se estenderá até o final do livro, pelo menos através de partes do capítulo 22.

Alguns rotularam os capítulos 4 e 5 como uma espécie de fulcro do livro ou centro teológico do livro. Provavelmente há alguma verdade nisso. Especialmente, os capítulos 4 e 5 inspiraram inúmeros hinos e canções da igreja.

Você não precisa pensar muito para lembrar hinos como Santo, Santo, Santo, Senhor Deus Todo-Poderoso, ou digno é o cordeiro que foi morto, ou coroá-lo com muitas coroas, o cordeiro em seu trono, ouça como os hinos celestiais tambor, etc., etc. Você pode pensar em outras músicas que foram verbalmente inspiradas nos capítulos 4 e 5 de Apocalipse. capítulos, veremos por que eles pertencem um ao outro. Os capítulos 4 e 5 provavelmente não deveriam ser tratados como dois capítulos separados.

Os capítulos 4 e 5 constituem uma peça visionária dentro da narrativa, uma seção. Mas deixe-me fazer vários comentários iniciais sobre a função geral, o conteúdo geral e uma orientação geral para os capítulos 4 e 5 de Apocalipse. Literariamente, o primeiro ponto que quero fazer é de uma perspectiva literária, os capítulos 4 e 5 fornecem uma espécie de cenário ou preparação para o resto da visão. Isso está nos capítulos 6 a 22.

Isso é tudo o que acontece nos capítulos 6 a 22, que decorre e flui desta seção visionária. Todas as bênçãos da salvação descritas no restante do Apocalipse resultam desta seção. Todos os julgamentos sobre os quais lemos nos capítulos 6 a 19, começando com o capítulo 6 e os sete selos, todos esses julgamentos emitidos nos capítulos 4 e 5. Além disso, outra maneira de ver isso é à luz disso, à medida que as coisas se tornam bastante intenso no resto do livro, à medida que vemos o julgamento de Deus sendo derramado, à medida que vemos às vezes as coisas

ficando um pouco caóticas, por exemplo, como se estivéssemos sentados em um avião cheio de turbulência e todos os tipos de turbulência acontecendo. e sendo jogado de um lado para o outro.

Apocalipse 4 e 5 nos lembram que na cabine do piloto, por assim dizer, na sala do trono, Deus está sentado em seu trono, e ele está no controle de todas as coisas que acontecem nos capítulos 6 a 19. Nada acontece sem sua vigilância vigilante. olho. Então, o que isto significa é que não podemos ler o Apocalipse em termos de algum dualismo entre o bem e o mal, como se houvesse um conflito dualista entre os poderes do bem e os poderes do mal, cujo resultado é incerto até que seja resolvido no final. .

Os capítulos 4 e 5 nos lembram no início que não existe dualismo entre o bem e o mal, mas o ponto de partida é Deus soberanamente sentado em seu trono, que é soberano sobre todos os assuntos e eventos que acontecem no mundo. Segundo, Apocalipse 4 e 5 funciona e prepara os capítulos 6 a 22 de outra maneira. Em 4 e 5, encontramos esta visão de todo o céu adorando a Deus sentado em seu trono.

O céu é retratado nos capítulos 4 e 5. E novamente, para recuar um pouco, quando você lê 4 e 5, a localização é claramente nos lugares celestiais. E veremos no restante de Apocalipse que João o fará. O resto do Apocalipse demonstrará que a perspectiva de João oscila entre o céu e a terra. Os capítulos 4 e 5 começam com João no céu, onde todo o céu reconhece a soberania de Deus.

O céu é um lugar onde todo o céu se curva e adora a Deus, reconhecendo sua soberania. O problema é que a Terra não. A terra contesta a soberania de Deus.

A terra recusa-se a reconhecer a soberania de Deus, especialmente o Império Romano. Roma, em vez disso, reivindica a sua própria soberania e recusa, rejeita e até se rebela e contesta a soberania absoluta de Deus, que é reconhecida no céu. Portanto, o céu é um lugar que reconhece a soberania de Deus e adora a Deus.

A Terra é um lugar que em grande parte não existe, especialmente impérios e reinos como Roma. Portanto, a questão que os capítulos 4 e 5 levantam no livro é como a soberania de Deus, que é completamente reconhecida no céu, como será eventualmente reconhecida na terra? Como ocorre a adoração de Deus no céu, e como isso acontecerá na Terra? Numa terra que se recusa a reconhecê-lo, numa terra que o contesta. O restante de Apocalipse 6 a 22 é a resposta a essa pergunta.

Os capítulos 6 a 22 descrevem como a cena no céu dos capítulos 4 e 5 eventualmente acontece na terra. Acontece através de uma série de julgamentos que eventualmente levam aos capítulos 21 e 22, onde um novo céu e uma nova terra, numa nova criação, toda a terra finalmente reconhece a soberania de Deus. E

pessoas de todas as tribos, línguas, nações e idiomas finalmente emergem adorando a Deus em seu trono.

Assim, na situação dos capítulos 4 e 5, finalmente, numa nova criação, nos novos céus e na nova terra, a soberania de Deus que é reconhecida no céu é finalmente reconhecida na terra. Uma terra que, atualmente, a contesta, a recusa e se rebela contra ela. De certa forma, nos capítulos 4 a 22 de Apocalipse, devo esta visão a Richard Bauckham, mas estou convencido de que ele está certo.

De certa forma, Apocalipse 4 a 22 poderia ser visto como uma expansão de parte da oração do Pai Nosso em Mateus capítulo 6, onde Jesus diz aos seus discípulos: orai, Pai nosso que está nos céus, oco seja o teu nome, venha a nós o teu reino, tu. será feito na terra como no céu. Portanto, o céu é um lugar onde o nome de Deus é ocultado na adoração. O céu é um lugar onde o reino de Deus, onde a vontade de Deus é realizada, mas isso ainda não foi reconhecido na terra.

O nome de Deus ainda não foi escavado na terra. A vontade de Deus e o reino de Deus ainda não foram completamente cumpridos na terra. Isso faz parte da oração do Senhor.

De certa forma, Apocalipse é uma expressão de como isso vai acontecer e de como a oração do Pai Nosso acabará sendo realizada. Terceiro, os capítulos 4 e 5 nos lembram que Apocalipse também é principalmente um livro sobre adoração e não sobre o fim dos tempos. Eu já disse isso em vários aspectos, mas não consigo enfatizar o suficiente.

Sim, o Apocalipse refere-se ao fim dos tempos, mas não para nos dar uma visão privilegiada do que vai acontecer no futuro ou para nos dar informações que satisfaçam a nossa curiosidade e nos permitam construir linhas do tempo, gráficos e coisas assim. Em essência, Apocalipse é um livro sobre adoração. Os capítulos 4 e 5 nos lembram novamente que levantam a questão: quem é realmente digno de nossa adoração? Quem é digno de nossa lealdade? É Roma? Para os cristãos do primeiro século, foram Roma e o imperador que reivindicaram lealdade e adoração como aqueles que proporcionaram paz, estabilidade, prosperidade e bênçãos para o mundo inteiro? Apocalipse 4 e 5 nos lembram de antemão que uma das questões com as quais Apocalipse irá lutar e que o povo de Deus deve enfrentar é quem é realmente digno de nossa adoração. Quem é digno de nossa lealdade? Nenhum outro ser humano, nenhum outro povo, nenhuma outra nação, nenhuma outra entidade é digna da nossa adoração, apenas Deus e o Cordeiro.

Adorar qualquer outra coisa é nada menos que idolatria. Apocalipse 4 e 5 nos dão um vislumbre da verdadeira realidade de que somente Deus e o Cordeiro, sentados no trono, são soberanos sobre todas as coisas; somente eles são dignos de nossa adoração. O número 4, e relacionado ao terceiro, é Apocalipse 4 e 5. Já vimos isso

acontecendo no capítulo 1, mas agora vemos ainda mais em 4 e 5. Os capítulos 4 e 5 são uma reconvenção direta ao reivindicações do Império Romano.

Os capítulos 4 e 5, porque apresentam Deus sentado em seu trono, digno de adoração, e toda a criação, reconhecendo sua soberania, e o Cordeiro também. Os capítulos 4 e 5 entram em conflito com as reivindicações de Roma. Já mencionei isso antes, mas vale a pena repetir porque ouço isso com frequência.

Muitos ainda estão convencidos de que o Apocalipse foi escrito em linguagem simbólica para que, caso caísse em mãos erradas, sua mensagem ficasse oculta. Se tivesse sido demasiado visível e aberto, poderia ter provocado ainda mais perseguição aos cristãos. No entanto, não consigo imaginar nenhum imperador romano lendo os capítulos 4 e 5 e não ficando chateado porque o seu reinado, o seu trono e as suas próprias reivindicações estavam sendo contestados.

Você não pode ter dois tronos. Você não pode ter Deus e o Cordeiro em seu trono, soberano sobre todas as coisas, e César. Não funciona.

Portanto, Apocalipse 4 e 5 entram em conflito e colocam Apocalipse em conflito aberto e direto com as reivindicações do Império Romano. Número 5. Apocalipse 4 e 5 consistem em duas cenas separadas, mas são contínuas. Ambos têm o mesmo cenário, a sala do trono de Deus, e o trono é uma espécie de ponto central em torno do qual giram ambas as cenas.

No capítulo 4, Deus está sentado em seu trono e é adorado como o criador do universo. No capítulo 5, encontramos um Cordeiro que abre um pergaminho e que da mesma forma termina no trono de Deus e é adorado por todo o céu. Assim, os capítulos 4 e 5 novamente são uma visão contínua, duas cenas, mas parte de uma visão e tendo o mesmo cenário, que é a sala do trono celestial.

Dito isto, como forma de introduzir esta seção e de nos orientarmos para os capítulos 4 e 5, o que quero fazer é olhar para cada um dos capítulos e considerar as suas funções principais, examinar alguns dos detalhes, e também focar no Antigo Testamento, particularmente no uso do Antigo Testamento que está por trás de muitas das imagens. Ao iniciarmos o capítulo 4, outro ponto a ser destacado como introdução aos capítulos 4 a 22, portanto, não focando apenas nos capítulos 4 e 5, mas de 4 a 22. O capítulo 4 inicia a seção visionária de Apocalipse.

Tem havido muitas tentativas de tentar categorizar e sistematizar diferentes maneiras de abordar os capítulos 4 a 22. A forma mais popular que surgiu foi categorizar ao longo da história da igreja. Observando a forma como os cristãos ao longo da história da igreja interpretaram o Apocalipse, nós o categorizamos de acordo com vários rótulos. Praticamente todos os comentários que peguei e li utilizam esses rótulos, e certamente não gostaria de dizer que são inúteis ou

imprecisos ou algo assim, mas quero apenas falar um pouco sobre como abordamos 4 a 22 .

Estudiosos e comentadores de Apocalipse, mais uma vez, vocês podem pegar quase qualquer pessoa e ler a introdução, e serão apresentados a essas diferentes categorias como formas de abordar e interpretar Apocalipse 4 a 22. A suposição é que quase qualquer abordagem pode ser colocada em uma ou mais dessas categorias. Por exemplo, os comentários estão convencidos de que muitas abordagens para a interpretação de Apocalipse 4 a 22 podem ser rotuladas com o que é conhecido como abordagem Preterista.

A abordagem preterista diz basicamente todo o livro de Apocalipse 4 a 22, ou a maior parte refere-se apenas ao primeiro século. Isto é, é simplesmente um comentário sobre o que está acontecendo no primeiro século. Essa é uma maneira comum de descrever os eventos de Apocalipse 4 a 22.

Isso ocorre porque os números 4 a 22 descrevem apenas o que estava acontecendo no primeiro século. Isso é chamado de abordagem preterista. Outra abordagem é chamada de abordagem histórica.

Curiosamente, não acho mais essa abordagem muito descrita, e você verá o porquê enquanto eu a descrevo. A abordagem histórica é basicamente semelhante a uma das visões das sete igrejas que examinamos. Dissemos uma visão popular que não parece mais ser muito popular, mas uma visão popular no passado era que as sete igrejas previram sete períodos da história da igreja.

Alguns lêem Apocalipse 4 a 22 como uma previsão de períodos da história da igreja que antecederão os dias modernos. Agora, obviamente, a dificuldade com isso é que à medida que a história avança e muda, isto continua a ter que ser revisto. Na verdade, a dificuldade também é que muitas vezes você pode encontrar seções dos capítulos 4 a 22 que poderiam caber em quase qualquer período da história da igreja.

Então, por essa razão, a visão histórica de que o Apocalipse é uma espécie de previsão da história da igreja começando no primeiro século, levando até os dias modernos, e finalmente culminando na segunda vinda de Cristo, não acho uma visão popular. ver mais. Uma terceira visão é conhecida como visão idealista. A visão idealista diz que o Apocalipse realmente não se refere a eventos específicos nem no primeiro século nem ao longo da história da igreja, mas em vez disso, o Apocalipse deveria ser entendido mais como um retrato simbólico da batalha entre Deus e Satanás ou o bem e o mal.

E assim, todas as imagens e símbolos do Apocalipse devem ser considerados transtemporais. Sim, aplicam-se ao primeiro século, mas podem aplicar-se a

qualquer século, na medida em que descrevem as imagens dos capítulos 4 a 22 de Apocalipse como uma forma simbólica de retratar a luta entre a igreja e Satanás, entre Deus e Satanás, por toda a igreja. história, levando à segunda vinda de Cristo. Portanto, as imagens transcendem apenas o primeiro século, mas são símbolos gerais, apenas um retrato simbólico da batalha entre Deus e o mal, sobre a qual Deus será vitorioso no final, e não devem ficar restritos a qualquer evento ou pessoa. ou período de tempo.

A visão final é conhecida como visão preterista. Uma visão final é conhecida como visão futurista. Isto é, a maior parte, se não a totalidade, de 4 a 22 ainda não aconteceu.

Ainda não aconteceu. É apenas o futuro, e a igreja ainda espera e aguarda com expectativa os capítulos 4 a 22. Agora, você notará que eu disse pouco sobre esta abordagem no início, e isso ocorre porque embora esta abordagem tenha algum valor em nos ajudar a ver a maneira como a igreja interpretou as coisas e nos ajudando a chamar a atenção para como podemos entender Apocalipse 4 a 22, é muito limitado porque se concentra apenas em uma compreensão temporal, como se essa fosse a característica e classificação mais importante de como nós interpretar Apocalipse.

Veremos que Apocalipse é que o foco não é temporalmente quando esses eventos ocorrem. Na verdade, creio que alguns cristãos ou alguns intérpretes do Apocalipse ficam obcecados em saber onde esses eventos se enquadram temporalmente em uma dessas categorias. Em vez disso, nosso foco estará exclusivamente no que o texto parece dizer? E como essas visões estão funcionando? O que eles estão dizendo aos cristãos? Como os cristãos do primeiro século da Ásia Menor entenderiam isso? Então, provavelmente, como já sugerimos, nossas interpretações provavelmente se ajustarão a duas ou três dessas abordagens às vezes.

E provavelmente é desnecessário tentar classificar o Apocalipse em apenas um deles. Mas, novamente, sugerir que estas são as categorias mais importantes restringe o Apocalipse às características mais importantes. Quando esses eventos ocorrem temporalmente? Então, como eu disse, focaremos mais nossa atenção em como entendemos o funcionamento desses textos em seu contexto literário. Como eles teriam abordado a situação das sete igrejas? Então, capítulo quatro, Apocalipse capítulo quatro, o que eu quero fazer é especialmente quatro e cinco, quero gastar tempo lendo os capítulos quatro e cinco. Mais uma vez, quero que você ouça o texto.

Quero que você, de certa forma, como John fez, e como ele provavelmente pretendia que seus leitores, fosse capaz de visualizar o que está acontecendo antes de tentarmos falar sobre alguns detalhes. Porque não queremos apenas dissecar este texto e examinar os detalhes ao microscópio, para não perdermos a força da visão e vê-lo, as imagens e sua beleza estão, novamente, passando diante de nossos

olhos e nos ajudando a sentir o efeito da visão. Então, o capítulo quatro começa com a visão propriamente dita.

Depois disso, olhei e diante de mim estava uma porta aberta no céu. E a voz que ouvi pela primeira vez falando comigo, como uma trombeta, disse: sobe aqui, e eu te mostrarei o que deve acontecer depois disso. Imediatamente, entrei no espírito e diante de mim estava um trono no céu, com alguém sentado nele.

E aquele que estava sentado ali tinha a aparência de Jasper e Carnelian. Um arco-íris semelhante a uma esmeralda circundava o trono. Ao redor do trono havia outros 24 tronos, e sentados neles estavam 24 anciãos.

Eles estavam vestidos de branco e tinham coroas de ouro na cabeça. Do trono vieram relâmpagos, estrondos e estrondos de trovões. Diante do trono havia sete lâmpadas acesas.

Estes eram os sete espíritos de Deus. E diante do trono havia alguém que parecia, ou havia, o que parecia ser um mar de vidro, claro como cristal. No centro, ao redor do trono, havia quatro seres viventes, cobertos de olhos na frente e atrás.

A primeira criatura viva era semelhante a um leão. O segundo era como um boi. O terceiro tinha rosto de homem e o quarto era como uma águia voadora.

Cada um desses quatro seres viventes tinha seis asas e estava coberto de olhos ao redor, até mesmo sob as asas. Dia e noite, eles não paravam de cantar: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus Todo-Poderoso, que foi, que é e que há de vir. Sempre que os seres viventes derem glória, honra e graças àquele que está sentado no trono e que vive para todo o sempre, os 24 anciãos se prostrarão diante daquele que está sentado no trono e adorarão aquele que vive para todo o sempre.

Eles colocam suas coroas diante do trono e dizem: Tu és digno, nosso Senhor e Deus, de receber glória, honra e poder, pois tu criaste todas as coisas, e por tua vontade elas foram criadas, e elas existem. Portanto, este é o início da visão propriamente dita. E como dissemos, começa no céu.

E a revelação, como já mencionei, irá alternar entre João estar no céu, em outros momentos ele aparentemente estará na terra ou verá coisas acontecendo na terra, então ele estará de volta no céu novamente, e nós tentarei estar alerta para isso. Mas o ponto inicial com uma visão celestial é apropriado porque, lembre-se, como um apocalipse, João está tentando fornecer uma perspectiva celestial da realidade. À medida que seus leitores olham para o mundo físico empírico, João agora tem permissão para ver o céu.

A cortina é retirada, o véu é retirado, a cobertura é retirada para que João possa ver outra realidade. Não é uma realidade separada e diferente, como se John entrasse em algum mundo de sonho e fantasia, mas esta é a verdadeira realidade. É a situação do leitor agora ampliada para incluir a realidade celestial que a influencia e que está por trás dela.

Então agora a visão de João começa com os céus abertos para que ele possa agora olhar para o céu e ver uma realidade totalmente nova que moldará a visão dele e de seu leitor sobre sua situação atual. É importante ver que João começa o capítulo 4 com uma referência ao céu aberto, uma porta aberta no céu, e então ouvir uma voz. Isso era parte integrante da literatura apocalíptica.

Em muitos outros apocalipses judaicos, muitas vezes encontramos referências ao vidente ou ao visionário subindo ao céu e ouvindo uma voz dirigindo-se a ele. Existem inúmeras referências ao céu aberto. Na verdade, você encontrará mais tarde no livro de Atos, capítulo 7, que há uma referência ao céu aberto.

Pedro tem uma visão do céu aberto. Já argumentei em outro lugar que Jesus, após seu batismo, quando vê o céu aberto, está tendo uma visão apocalíptica. No capítulo 4, as tentações de Jesus, e no capítulo 4, 1-11, em Mateus, fazem parte de uma visão apocalíptica que Jesus teve, muito parecida com a de João.

E assim, esta abertura do céu era parte integrante da literatura apocalíptica. Mais especificamente, parece ter como pano de fundo o livro de Ezequiel, livro que, junto com Isaías, desempenha um papel crucial para João ao longo do Apocalipse. Na verdade, o que é interessante é apenas fazer um breve comentário sobre o uso que João faz do Antigo Testamento; o que é interessante é que quando João se baseia no livro de Isaías, muitas vezes ele se baseia nele tematicamente.

Ou seja, em diferentes seções, ele se baseará no texto principal que comunica o tema que ele está tentando comunicar naquela seção. Quando João segue Ezequiel, ele segue praticamente a ordem do próprio livro de Ezequiel. E assim, no capítulo 4, a referência ao céu aberto lembra Ezequiel capítulo 1 e versículo 1. E observe que começa, no décimo terceiro ano, este é Ezequiel 1 versículo 1, no décimo terceiro ano, no quarto mês do quinto dia, enquanto eu estava entre os exilados junto ao rio Quebar, os céus se abriram e tive visões de Deus.

E provavelmente, apenas esse versículo forneceu o ímpeto para outros apocalipses. E mencionei antes um trabalho de um estudioso britânico chamado Christopher Rowland, cujo livro se intitulava *The Open Heaven*. E demonstra como Ezequiel 1.1 foi muito influente para a noção de visões apocalípticas.

E certamente, João agora recorre especificamente a Ezequiel 1.1 para descrever sua própria visão apocalíptica. Mas ele quer deixar claro que agora tem uma experiência

visionária semelhante à de Ezequiel. Assim, o céu se abre e ouve a voz, tema comum da literatura apocalíptica, onde agora o véu é levantado e João pode ver os bastidores e vislumbrar a realidade celestial.

Curiosamente, neste ponto, João realmente ascende ao céu. E deixe-me voltar. João não depende apenas de Ezequiel para este conceito de visão do céu, mas também veremos Isaías no capítulo seis.

Mas como o céu está aberto, João é instruído a subir até aqui. Esperamos que a maioria de nós perceba que isso não é uma referência ao arrebatamento ou algo parecido. Isso é comum.

Isso faz parte de uma experiência visionária. O céu está aberto e o vidente então ascende ao céu ou é levado a uma experiência visionária. Um tema comum em muitos apocalipses judaicos é o que costuma ser chamado de apocalipse Merkava ou uma espécie de apocalipse de ascensão.

Ou seja, muitas vezes você encontra o que não encontra aqui em João, você encontra em alguns outros apocalipses judaicos, onde eles frequentemente ascendem através de vários céus e o número difere. Às vezes são três, às vezes são sete, às vezes é mais que isso. Mas o vidente ascende através de vários céus e vê algo em cada um deles.

E o objetivo é chegar ao céu final, o sétimo ou qualquer outro, que é a sala do trono de Deus. Não temos nenhuma referência a João ascendendo através dos níveis do céu. Simplesmente temos João sendo convocado ao céu, que é a sala do trono de Deus ou o templo de Deus onde Deus habita.

João é convocado por esta voz e em preparação para a sua visão apocalíptica, ele agora ascende ao céu. O restante do capítulo quatro descreverá o que João viu nesta experiência visionária. E, novamente, é importante perceber que João se baseia muito em Ezequiel e especialmente nos capítulos um e dois, que é a visão celestial de Ezequiel.

E ele se baseia fortemente em Isaías capítulo seis, que retrata Isaías em uma experiência visionária, celestial e vendo diferentes criaturas cercando o trono de Deus como Ezequiel faz. Então, novamente, João está deixando claro que sua visão deve ser entendida da mesma forma que a de Ezequiel e Isaías. O que João vê é a mesma sala do trono celestial.

E o que João vivencia deve ser entendido da mesma forma que Isaías e Ezequiel, já que João meio que assume o manto de Isaías e Ezequiel sobre si nesta visão apocalíptica. Como eu disse, João se baseará nesses dois livros, especialmente Ezequiel e Isaías, ao longo do restante de sua obra. Isaías mais tematicamente, ele se

moverá ao longo do livro, recorrendo a textos que apoiam seus temas, mas Ezequiel seguirá quase na mesma ordem que o próprio Ezequiel seguiu.

A outra coisa a reiterar também, ao dizer que João se baseou em Ezequiel e Isaías para a sua própria apresentação da sua própria visão, quero enfatizar que João teve uma experiência visionária real, creio, real, mas essa experiência foi comunicada a ele em imagens e línguas como Ezequiel e Isaías. E então João, eu acho, volta a Ezequiel e Isaías e recorre à linguagem desses textos para deixar claro exatamente o que ele viu e para traçar as conexões com os textos do Antigo Testamento e aqueles que tiveram experiências visionárias semelhantes às suas. Ter. Portanto, ele tem a sua própria visão, mas escreve na linguagem dos seus predecessores do Antigo Testamento, mas agora mostra como até as visões dos seus predecessores foram agora cumpridas à luz da pessoa de Jesus Cristo.

Outra coisa a dizer antes de olharmos para algumas das características detalhadas da visão de João é perceber que esta frase que começa no versículo 4, depois disto, ou depois destas coisas, novamente, quero deixar clara esta linguagem que veremos. em todo o Apocalipse, depois disto, vi, ou depois destas coisas, depois olhei e vi isto. Essa linguagem não pretende transmitir a ordem cronológica de como essas coisas acontecerão, como se os eventos dos capítulos 2 e 3 tivessem acontecido primeiro e, depois, quando terminarem, os capítulos 4 e 5 acontecessem. Em vez disso, esta é a ordem em que João escreve, ou esta é a ordem em que ele viu estas coisas.

Então, depois de ouvir a mensagem, depois de ver o que ele fez no capítulo 1, a visão do Cristo exaltado, e depois de ouvir e escrever as mensagens dos capítulos 2 e 3, João vê isso, e João agora registrará sua experiência visionária nos capítulos 4 e 5. A primeira coisa a notar no capítulo 4 é a menção ao trono. Isso fornecerá o ponto focal, o ponto central e quase a atração gravitacional para tudo o mais que acontece nos capítulos 4 e 5. O trono é significativo porque, na verdade, já fomos apresentados ao trono e ao seu significado no capítulo 1, mas agora, na visão de João nos capítulos 4 e 5, começa a emergir e a desempenhar um papel mais crucial, onde o trono é significativo porque é um símbolo de soberania e governo, o que novamente irá sugerir uma característica ou tema importante durante todo o resto do Apocalipse. Quem está realmente no controle? Quem é realmente o governante soberano do universo? Quem é realmente o governante soberano de todas as nações e do mundo? É César ou outra pessoa? Assim, mais uma vez, apenas a menção do trono aqui seria imediatamente uma reivindicação contra-imperial.

Você não pode ter dois tronos. Ou Deus está sentado em seu trono, ou César está sentado em seu trono. Ou Deus é digno de adoração e lealdade, ou César é digno de adoração e lealdade.

Então, quem está no controle? Quem é verdadeiramente o governante soberano do universo? Essa questão já é levantada simplesmente pelo aparecimento do trono de

Deus na parte inicial da visão de João no capítulo 4. Na verdade, a palavra trono, se você contar, a palavra trono aparece 13 vezes apenas em Apocalipse capítulo 4 e ocorrerá novamente em capítulo 4 e ocorrerá também no capítulo 5. A outra maneira de contrastar também é que já fomos apresentados no capítulo 2 ao trono de Satanás. E assim, mais uma vez, a imagem do trono desempenha um papel crucial.

Quem está no controle? A soberania de Deus é contestada, em última análise, pela de Satanás, mas pela de César e de qualquer outro governante humano. Mas o capítulo 4 em primeiro plano, como já dissemos, nos lembra que não há dualismo no Apocalipse, como se o resultado desta disputa estivesse em dúvida até chegarmos ao fim. Mas já somos apresentados a Jesus e ao Cordeiro e a Deus sentado no trono mais alto, o trono celestial, e isso ainda precisa ser resolvido nesta terra, uma terra que o contesta.

Uma outra questão que inevitavelmente surge em nossa mente ao lermos esses versículos no capítulo 4 é: quando isso acontece? O que João está descrevendo? Ele está descrevendo uma cena específica historicamente no passado? Ele está descrevendo o que está acontecendo agora? Este é algum evento que ainda acontecerá no futuro? O que é interessante quando você lê isso, realmente não fica claro. Não há indicadores temporais claros de quando isso ocorrerá. Ou talvez devêssemos considerar isso de forma mais atemporal, que João não está descrevendo um evento específico no capítulo 4 em nenhum momento, mas simplesmente está descrevendo uma realidade que é simplesmente verdadeira em todos os momentos.

Deus é retratado sentado em seu trono em todo o céu, reconhecendo sua soberania sem que João se preocupe exatamente quando isso acontecerá. Ou há um certo momento em que isso é evidente? Novamente, é interessante que não haja indicações temporais específicas sobre quando isso está acontecendo. Novamente, talvez não estejamos delimitados a nenhum momento temporal específico.

Portanto, não há uma cronologia específica até onde esse texto ocorre. A outra coisa a mencionar sobre o capítulo 4 em relação ao que está acontecendo é que é intrigante para mim quando você lê isso com atenção, uma coisa que suas traduções em inglês escondem é o fato de que, e isso é necessário apenas porque temos que fazer isso em Inglês normalmente se você lesse o texto grego, se você fosse capaz, e lesse o texto grego do capítulo 4, há muito, muito poucos verbos indicativos que sugeririam movimento e atividade. Há apenas alguns deles.

Um está associado aos trovões e relâmpagos vindos do trono. Mas, fora isso, existem muito poucos verbos que descrevem atividades, ações e movimentos que realmente acontecem no capítulo 4. Em vez disso, o capítulo 4 é quase uma cena estática. É

altamente descritivo dos ambientes celestiais, mas é, em certo sentido, bastante estático.

Acho que a razão para isso é que o capítulo 4 provavelmente funciona para fornecer o cenário para o capítulo 5. Curiosamente, voltando ao texto grego, se você pudesse ler o texto grego, quando chegar ao capítulo 5, de repente, lá são todos os tipos de verbos indicativos. Isto é, verbos que retratam ações e atividades acontecendo no céu. Então, novamente, o capítulo 4 fornece o pano de fundo e o cenário para o capítulo 5. Isso significa que o foco principal de nossa atenção deveria estar no capítulo 5. Isso não significa que o capítulo 4 não seja importante.

Sim, claro que é. Mas o capítulo 4 fornece principalmente o cenário e o pano de fundo para o que vai acontecer no capítulo 5. E é aí que o cordeiro emerge em seu trono e é aí que a ação principal começa a acontecer. E tudo leva a isso no capítulo 4. É interessante também que no capítulo 4 João não descreve diretamente aquele que está sentado no trono.

Novamente, seguindo Isaías e Ezequiel, João, em vez disso, é interessante que a atenção de João se moverá muito rapidamente e se afastará daquele que está sentado no trono para o que acontece ao seu redor. Então, ele começa de novo, observe no versículo 2, uma vez que eu estava no espírito e diante de mim havia um trono no céu com alguém sentado nele. E aquele que estava sentado ali tinha a aparência de jaspe e cornalina ; um arco-íris semelhante a uma esmeralda circundava o trono.

Então, observe que ele não diz quase nada sobre a pessoa que está no trono. Ele não descreve essa pessoa em detalhes. Ele apenas diz que há alguém sentado no trono e sua aparência era assim.

Mas imediatamente ele se afasta para descrever o arco-íris que o rodeia. E então no versículo 4, ele começa a descrever outros tronos, esses 24 tronos e 24 anciãos que circundavam o trono, e depois também os quatro seres viventes. Portanto, é intrigante que João não descreva diretamente aquele que está sentado no trono, mas se afaste muito rapidamente do trono para começar a descrever os arredores e os arredores do trono.

Uma característica interessante do trono e daquele que está sentado no trono que João traz à tona é que a aparência daquele que está no trono é descrita como pedras preciosas ou jóias preciosas. A tradução da NVI que li usava as palavras a aparência de jaspe e cornalina e depois um arco-íris cercando o trono que lembrava uma esmeralda. Agora, obviamente, num certo nível, este tipo de linguagem simplesmente contribui para a aura da visão.

Acrescenta ao esplendor e à beleza da visão e ao espanto do que João vê. Mas provavelmente deveríamos ir um pouco mais além disso. E é interessante que há duas coisas para chamar a sua atenção.

Em primeiro lugar, é interessante que estas pedras preciosas lembrem, penso eu, os fundamentos das pedras que pertencem ao templo. Por exemplo, as pedras do peitoral do sumo sacerdote. Em outros lugares, textos como Isaías 54 descrevem a reconstrução da Nova Jerusalém em termos de pedras preciosas.

Em outras partes da literatura judaica, encontramos o templo descrito como ouro e pedras preciosas. Assim, em certo nível, as pedras preciosas lembram o templo. Este é o lugar da habitação de Deus.

Este é o templo sagrado onde Deus habita, onde está sentado o seu trono. Mas em segundo lugar, juntamente com isso, estas pedras preciosas provavelmente funcionam para simbolizar a presença divina. Curiosamente, estas pedras aparecerão mais tarde em Apocalipse 21 e 22 como as pedras que compõem o templo da Nova Jerusalém, onde Deus habita com o seu povo.

Portanto, essas pedras provavelmente não pretendem representar atributos específicos de Deus com os quais devemos nos preocupar. A que isso se refere no que diz respeito ao caráter de Deus? O arco-íris pode sugerir o relato do dilúvio em Gênesis e a fidelidade de Deus à sua criação, o que creio que certamente se enquadra aqui. Porque Deus em Gênesis capítulos 6 e 12, o arco-íris fazia parte da demonstração da aliança de Deus e de sua fidelidade à sua criação de Gênesis 1 e 2. É interessante que aqui em Apocalipse 4, Deus é celebrado como o criador de todas as coisas.

Portanto, o arco-íris é um elemento apropriado na visão de João porque, e veremos mais adiante, por que isso é significativo, mas é apropriado para celebrar Deus como o criador de todas as coisas, que o arco-íris emergiria como um sinal de Gênesis 6 e 9, mais uma vez, como indicação da fidelidade de Deus à sua criação. E quero voltar a isso em um momento. Mas a questão é que provavelmente não precisamos ser muito específicos sobre as pedras no que diz respeito ao caráter ou atributos de Deus que elas representam, mas simplesmente juntas elas representam a presença gloriosa e brilhante de Deus em seu templo celestial, mas em antecipação ao tempo que ele habitará com seu povo em uma nova criação em Apocalipse 21 e 22.

Mas, como dissemos, agora nos afastamos do trono e de seu ocupante, algo que João hesita em descrever, mas que é comum na literatura apocalíptica. Frequentemente, na literatura apocalíptica, não é descrita a pessoa que está no trono, mas tudo ao seu redor e a aparência de seu brilho e esplendor. O que acontece a seguir então? A atenção de João se afasta do trono e de seu ocupante para o que o rodeia.

João destaca dois grupos separados, um grupo de vinte e quatro anciãos ou vinte e quatro tronos e vinte e quatro anciãos sentados nesses tronos, e depois outro grupo de quatro criaturas viventes. Agora, em certo nível, é fácil lidar com esses dois grupos, pois é fácil responder à pergunta: o que eles fazem? O que fazem esses dois grupos, os vinte e quatro anciãos, os vinte e quatro tronos e os quatro seres viventes? Qual é a sua função nesta visão? Bem, quando você lê com atenção, eles parecem ter uma função: oferecer louvores incessantes àquele que está sentado no trono. Dia e noite, eles adoram aquele que está no trono.

Eles adoram a Deus. A sua função principal é reconhecer, reconhecer a soberania de Deus e oferecer adoração àquele que é o criador, o criador soberano de todo o universo. A dificuldade está em tentar identificar quem são esses grupos.

Quem são esses vinte e quatro anciãos que estão sentados no trono? Quem são essas quatro criaturas vivas descritas em uma linguagem um tanto estranha? Agora, até este ponto, esperamos que você chegue à conclusão de que esses grupos simbolizam alguém ou alguma coisa. E essa é a questão: o que ou quem estes grupos representam ou o que ou quem estes dois grupos simbolizam? A questão óbvia é: esses grupos simbolizam seres angélicos ou simbolizam seres humanos ou algum grupo de seres humanos? Ou ainda, deveríamos resistir à decisão e à classificação em um grupo ou outro e sugerir alguma combinação dos dois? Mas começaremos examinando os vinte e quatro anciãos. Na verdade, os vinte e quatro anciãos desempenham um papel importante no restante do livro do Apocalipse.

Veremos isso surgindo no capítulo sete e em alguns outros lugares ao longo do livro de Apocalipse. Mas, novamente, os vinte e quatro anciãos provavelmente tinham ainda mais do que os quatro seres viventes. Houve uma série de tentativas de tentar explicar e descrever sua identidade precisa.

Novamente, em certo nível, não precisamos nos preocupar muito com isso porque, como dissemos, o ponto principal é a sua função. Quem quer que sejam, a sua função principal na visão é adorar a Deus, reconhecer a sua soberania dia e noite, adorar aquele que está sentado no trono, aquele que é o Senhor soberano sobre toda a criação. Esse é o ponto principal que você precisa entender.

Mas, ao mesmo tempo, penso que é útil e necessário perguntar: bem, quem poderá ser este? Podemos identificar esses vinte e quatro anciãos? Uma opção e, novamente, não vou examinar todas as possibilidades. Quero apenas me concentrar em alguns que considero talvez os mais prováveis e que possam fornecer a explicação para o que encontramos no capítulo quatro. Uma possibilidade é que os vinte e quatro anciãos sejam simplesmente seres celestiais modelados nos vinte e quatro grupos de sacerdotes encontrados no Antigo Testamento, especialmente 1 Crônicas 23.6 e 1 Crônicas 24.7-18. Assim, as vinte e quatro classes de sacerdotes em

1 Crônicas fornecem um modelo para estes vinte e quatro seres celestiais que aparentemente funcionam então como sacerdotes.

Agora, a dificuldade com isso é que não está muito claro se esses vinte e quatro anciãos funcionam como sacerdotes. De certa forma, o fato de oferecerem louvor a Deus e adoração a Deus pode sugerir uma função sacerdotal, mas não fazem outras coisas que se poderia esperar de um sacerdote, como oferecer sacrifícios ou outras coisas que realmente encontramos acontecendo no livro do Apocalipse. Outros sugeriram que estes são, na verdade, os vinte e quatro presbíteros que representam a igreja que agora foram levados para o céu.

Isto está frequentemente associado a uma certa visão de como interpretamos o Apocalipse, que pode ser vista, por exemplo, na série Deixados para Trás. Isto é, antes de todos esses eventos do fim dos tempos em Apocalipse 4-22 acontecerem, a igreja será realmente arrebatada. No momento, Deus está lidando com a igreja, mas antes de derramar sua ira, antes de derramar seu julgamento, antes de começar a lidar novamente com a nação de Israel, antes de tudo o que acontecer, antes do Anticristo do fim dos tempos e do inimigo chegar, antes que tudo isso aconteça, começando no capítulo 4, Deus arrebatará sua igreja, e é isso que os vinte e quatro presbíteros são.

Novamente, isso pode ser convincente se seguirmos essa linha de interpretação. Se você está convencido de que 22/04 é apenas o futuro e é principalmente Deus lidando com Israel e Deus derramando seu julgamento sobre a humanidade, do qual a igreja será poupada, então ver os vinte e quatro anciãos como representantes da igreja pode ser um argumento válido. conclusão. Uma terceira possibilidade é que os vinte e quatro anciãos sejam os representantes celestiais de Israel e da igreja.

Lembre-se, sugerimos que a literatura apocalíptica funciona para demonstrar ou apresentar a contrapartida celestial das realidades terrenas ou a realidade celestial que é a contrapartida da realidade terrena. E assim, pode ser que o que temos aqui seja um contraponto, uma contrapartida ou um reflexo no céu do povo de Deus terreno. Isto é, por exemplo, vimos com os sete anjos das sete igrejas, sendo os sete anjos os sete representantes celestiais das igrejas terrenas.

E assim, aqui poderíamos ter os representantes celestiais do povo terreno de Deus, isto é, Israel, a nação de Israel do Antigo Testamento, bem como uma igreja. Então, você obtém vinte e quatro somando doze. Lembre-se, dissemos que doze é o número do povo de Deus.

Então, doze tribos de Israel e doze apóstolos representando a igreja juntos acabam sendo vinte e quatro, obviamente. E assim, os vinte e quatro anciãos são os representantes celestiais de Israel e da igreja. Uma quarta opção é que estes sejam simplesmente seres angélicos que pertencem a uma corte celestial.

Quando lemos textos como 1 Reis 22:19, mas também outro texto, Isaías capítulo 24:23, ambos retratam a corte celestial ou céu com Deus sentado em seu trono e uma corte celestial ao seu redor, aparentemente. Por exemplo, Isaías capítulo 24 e versículo 23 podem apresentar uma situação semelhante ou fornecer a base para o que se encontra. Então, no versículo 24, 23, lemos, voltarei e lerei 22.

E, curiosamente, estes versículos têm sido frequentemente rotulados como o apocalipse de Isaías. Versículo 22: Eles serão arrebanhados, todas as nações e os reis da terra, eles serão arrebanhados como prisioneiros presos em uma masmorra. Eles serão encerrados na prisão e punidos depois de muitos dias.

A lua ficará envergonhada, o sol envergonhado, pois o Senhor Todo-Poderoso reinará gloriosamente no Monte Sião e em Jerusalém e diante dos seus anciões. Alguns sugeriram que o retrato é de Deus em seu trono com os anciões da corte celestial ao seu redor. E esse é o modelo para o que encontramos no capítulo 4 de Apocalipse com os 24 anciões.

Então, este seria um ser angélico, uma corte celestial que circunda Deus sentado em seu trono e cercado por estes seres angélicos. Existem outras possibilidades que poderíamos explicar, mas simplesmente me concentrei nas principais que acredito que poderiam fornecer uma base potencial para a compreensão dos 24 anciões sentados no trono. Mais uma vez, quero lembrá-lo de que o importante não é tanto definirmos exatamente quem são eles em segundo plano, mas sim lembrarmos deles e nomearmos sua função.

A função principal é cercar o trono de Deus. Eles reconhecem a soberania de Deus. Eles, em certo sentido, lideram o céu na adoração daquele que está sentado no trono, que é um governante soberano sobre todo o universo.

Na próxima seção, então, quero examinar um pouco mais detalhadamente os 24 anciões e ver se podemos, dentre essas diferentes opções, alguma delas se encaixa? Como isso nos ajuda a entender o que está acontecendo no livro de Apocalipse?

Este é o Dr. Dave Mathewson em seu curso sobre o livro do Apocalipse. Esta é a sessão número 8, Apocalipse 4 e 5, Uma Introdução.